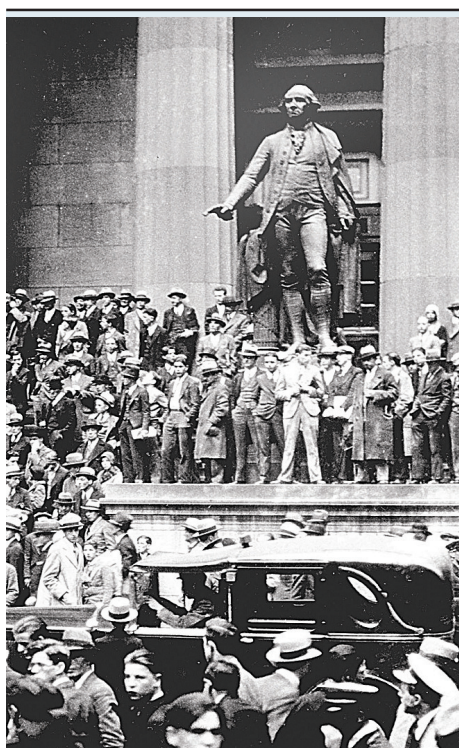


CRISE GLOBAL

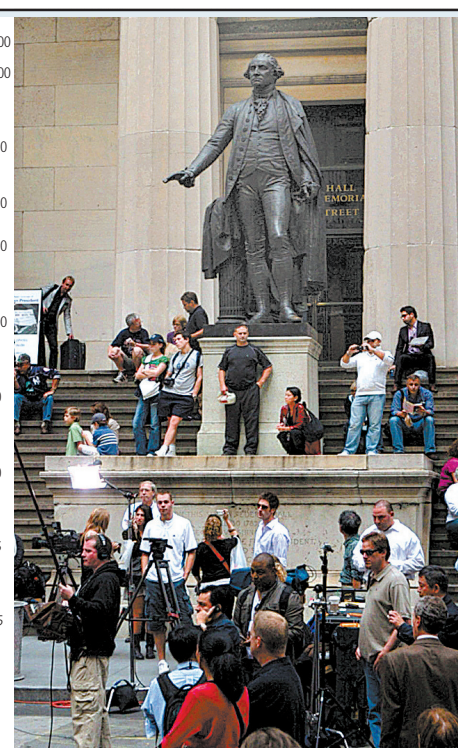
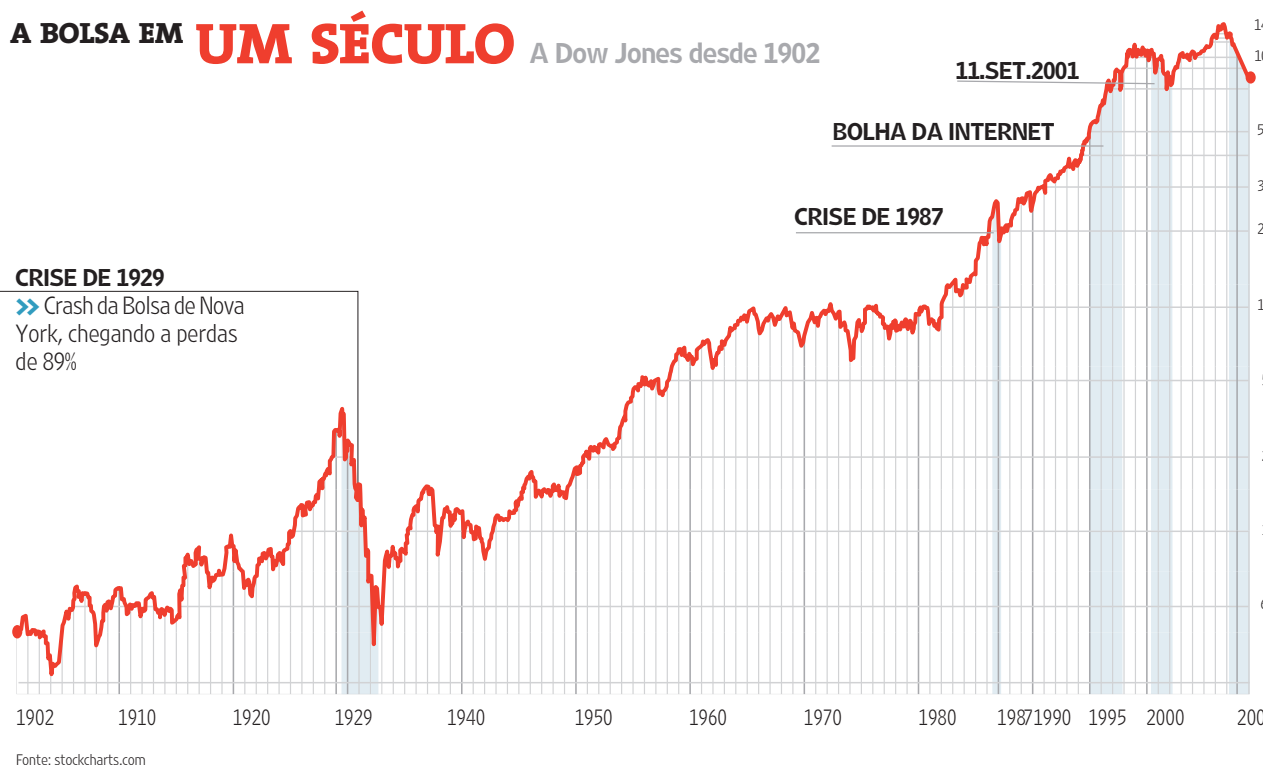
Uma frase em circulação no momento é que, hoje, as pessoas só querem comprar títulos do Tesouro norte-americano e água mineral
 PAUL KRUGMAN, ganhador do Nobel de Economia, em artigo no "New York Times" (11 de outubro)

11,3% é a valorização acumulada do dólar frente ao real desde o início de outubro



Wall Street em outubro de 1929

A BOLSA EM UM SÉCULO A Dow Jones desde 1902



Wall Street em setembro de 2008

AS CRISES RECENTES

1995-2000

A bolha da internet
 >> Na década de 90, a quantidade de usuários da rede mundial de computadores se multiplica, levando à valorização das empresas de informática e alta tecnologia
 >> Em 1996, o então presidente do banco central americano, Alan Greenspan, cunha a expressão "exuberância irracional" para descrever a valorização das ações no período

1987

Wall Street desmorona
 no dia 19 de outubro depois da divulgação de dados que mostram um importante déficit comercial e um aumento das taxas de juros do Banco Central alemão
 >> Em um dia, a Dow Jones perde 22,6% e outros índices registram importantes perdas, mostrando a interdependência dos mercados mundiais. Trata-se do primeiro 'crack' da era da informática

1929

O crash da Bolsa de Nova York
 >> Depois do término da Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos e a maior parte do mundo ocidental vivem um período de otimismo e prosperidade na década de 20
 >> A euforia leva os norte-americanos à Bolsa, que inicia em 1923 um período de seis anos de impressionante valorização
 >> Em 29 de outubro de 1929, há um movimento recorde de venda de ações, que perderiam 89% de seu valor até 1932, iniciando uma depressão econômica que se arrastaria pela década de 30

AS CRISES ANTES DO SÉC XX

DÉCADA DE 1630

A mania das Tulipas
 >> O cultivo e o comércio das flores se torna moda na Holanda, que passa por um surto de desenvolvimento capitalista
 Tulipas chegam a ser trocadas por imóveis, mas os compradores acreditam que poderão revendê-las com lucro
 Em 1637, os preços desabam repentinamente

1890-1891

O Encilhamento
 >> No início da república brasileira, o governo aumenta a quantidade de moeda na economia para estimular a criação de empresas
 O dinheiro farto estimula o crédito, provoca uma onda de especulação na Bolsa de Valores e produz milionários da noite para o dia
 Em meio a uma série de fraudes, as ações despencam depois de meses de alta contínua

6 Por que o governo não consegue controlar a cotação do dólar?

O câmbio é o preço mais importante da economia, mais ainda em países, como o Brasil, cujas moedas não são aceitas como pagamento de importações ou pagamento de dívidas com o exterior.

O preço do dólar afeta o comércio, a inflação, as contas do governo, o crescimento econômico e a popularidade dos governantes.

Ainda assim, o governo passou os últimos anos tentando, sem sucesso, segurar a valorização do real — e as últimas semanas tentando, também inutilmente, deter a disparada do dólar. Devido a essa incapacidade, proclama-se oficialmente, desde 1999, que o câmbio é livre no Brasil.

Não é difícil entender: o mercado de câmbio é o maior dos mercados financeiros, com movimento diário entre US\$ 3 trilhões e US\$ 4 trilhões que podem ir de um extremo a outro do planeta em alguns segundos.

Mesmo as nada desprezíveis reservas de US\$ 200 bilhões acumuladas pelo Banco Central poderiam virar farelo se o governo tentasse, como no passado, administrar sua taxa de câmbio em um cenário de livre fluxo de capitais.

Para manter o câmbio, o governo precisa atender aos movimentos de compra e venda do mercado: se falta dólar, precisa vender suas reservas para ampliar a oferta e evitar uma disparada das cotações; se sobra, compra o excesso para manter o preço estável.

Nos últimos meses de câmbio administrado, o país precisava paralisar sua economia com juros de 40% ao ano na tentativa de atrair os dólares necessários.

Mas esse não é um caso de incompetência nacional. Os Estados Unidos e o Japão adotaram o câmbio flutuante na década de 70, e a Europa, nos 90.

Onde houve liberdade, o fluxo de capitais derrubou o sistema de cotações que havia sido acertado entre os países na Conferência de Bretton Woods, em 1944 — a última iniciativa de controle das finanças globais, sempre lembrada em tempos de crise e esquecida logo depois.

AS PERDAS ACUMULADAS

Valor de mercado das empresas listadas nas Bolsas

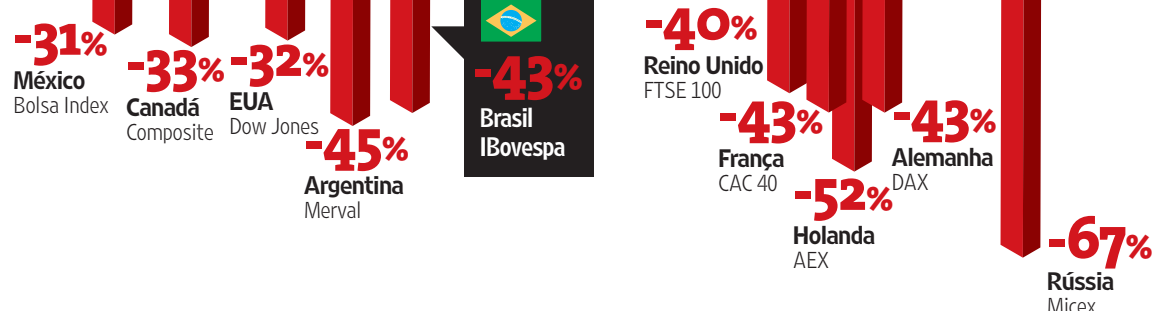
NO BRASIL
 us\$ 770 bilhões

foi a perda de valor das empresas brasileiras listadas na Bovespa no ano*



BOLSAS PELO MUNDO EM 2008

Varição acumulada neste ano até 16 de outubro



*Até o dia 16
 Fontes: Economática, BM&FBovespa e Bloomberg

7 O que acontece em uma recessão?

Uma recessão começa quando investidores acreditam que a hora não é boa para investir e consumidores acreditam que a hora não é boa para consumir. E, na tentativa de proteger sua riqueza, todos empobrecem.

O desalento não é um mero estado de espírito. Empresas e famílias afetadas pela crise perderam efetivamente condições de investir e consumir, como os donos de ações e imóveis que perderam valor. Não se trata de um caso em que uns perdem e outros ganham, num jogo de soma zero: essa riqueza simplesmente desapareceu.

Quando não se confia no futuro, o medo toma o lugar da ganância. Evita-se emprestar dinheiro e procura-se poupar para dias difíceis. Mas, com a retração de investimento e consumo, empresas vendem menos; com a queda nos lucros, há mais demissões; com menos

renda, as famílias cortam o consumo, e o ciclo recomeça.

Tecnicamente, os economistas consideram que há uma recessão quando o PIB (Produto Interno Bruto) cai por dois ou três trimestres consecutivos. Quando se imagina uma queda profunda e prolongada do PIB, fala-se, mais dramaticamente, em depressão — mas, após a década de 30, nenhum período da história econômica mundial chegou a merecer o termo.

Recessões mundiais são raras: na história recente, não há casos de anos em que o PIB global tenha terminado menor do que começou. Em 1982, em meio à crise da onda de calotes do Terceiro Mundo, a economia mundial cresceu 0,9%, e desde então não houve resultado pior. No Brasil, a pior recessão ocorreu em 1990, quando o Plano Collor confiscou depósitos bancários e o PIB caiu 4,4%.

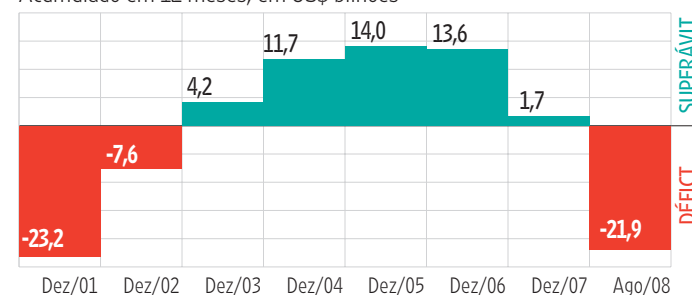
OS PONTOS FRACOS DA ECONOMIA BRASILEIRA

Por que o Brasil é vulnerável à turbulência externa

DÉFICIT EXTERNO

>> Depois de cinco anos de superávits, o Brasil experimenta um salto do déficit nas transações de bens e serviços com o exterior

Evolução do déficit em transações correntes*
 Acumulado em 12 meses, em US\$ bilhões



RISCO INFLACIONÁRIO

>> A moeda brasileira é uma das mais voláteis do mundo, ou seja, tem altas e quedas mais intensas que a média mundial
 >> A recente alta do dólar, se não for revertida, pode elevar o preço de matérias-primas, máquinas e outros produtos importados
 >> Como o momento é de atividade econômica acelerada, os novos custos podem ser repassados com mais facilidade aos preços

GASTOS PÚBLICOS

>> A dívida pública brasileira ainda é alta para os padrões internacionais. Equivale a 56% do Produto Interno Bruto ou, se descontados os créditos do governo, a 40,5% do PIB
 >> Os gastos do governo federal têm crescido mais que o PIB nos últimos anos, puxados pela Previdência Social e pelos salários do funcionalismo. Agora os gastos com juros também podem subir

(* As transações correntes são formadas basicamente pela balança comercial (exportações menos importações) e pela balança de serviços (pagamento de juros, remessa de lucros, turismo, fretes etc.) Fonte: Banco Central